A FUNÇÃO VITALIZADORA DO ANALISTA DURANTE O PROCESSO CLÍNICO-TERAPÊUTICO

Autores: Alcides Diorio, Jamile Reaiche Zenati Godoi, Maryelen Domingues Ruston, Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, alcidesdiorio.1964@yahoo.com.br, jamilereaiche@gmail.com, meldomirus@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com

Resumo
Este estudo de revisão de literatura qualitativa tem como objetivo compreender a função vitalizadora na clínica psicanalítica, voltada para o tratamento de pacientes imersos em processos de passivação ou "morte em vida". A metodologia baseou-se na articulação e análise teórica de obras de autores como Fátima Flórido Cesar, Thomas Ogden, Sándor Ferenczi, Donald Winnicott e Luís Cláudio Figueiredo. Os resultados indicam que a vitalização exige do analista a aplicação da "palavra viva" e uma postura ativamente afetiva. Evidenciou-se também que essa função engloba uma necessária dimensão erótica e sedutora para convidar o sujeito de volta à vida, exigindo, contudo, um rigoroso manejo ético para evitar a captura perversa e regressões patogênicas. Conclui-se que a função vitalizadora transcende a técnica, constituindo-se como uma disposição relacional e ética fundamental. Ao resgatar a matriz do ambiente facilitador, o analista sustenta um espaço onde falhas precoces podem ser reinscritas, promovendo um encontro clínico autêntico.
Palavras-chave: Psicanálise. Função vitalizadora. Passivação. Palavra viva.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

A psicanálise, em sua essência, ocupa-se dos sofrimentos, dos desejos e da vitalidade humana, deparando-se frequentemente com o desafio de tratar pacientes imersos em um estado de "morte em vida" ou apassivação. Nesses cenários, a prática analítica exige ir além da mera explicação intelectual, demandando uma compreensão profunda e uma ética sensível para reacender a "centelha vital" do indivíduo. É nesse contexto que emerge a importância da função vitalizadora do analista, compreendida não apenas como uma técnica opcional, mas como uma disposição fundamental de emprestar mente e corpo para tornar o paciente real e vivo no ambiente terapêutico.

A literatura científica que embasa essa perspectiva resgata a tradição *ferencziana (CESAR et al., 2023*) a elasticidade técnica e do "tato", contrapondo-se à rigidez analítica clássica para priorizar o afeto, a invenção e a flexibilidade no manejo clínico. Essa tradição, enraizada na observação do cuidado materno, afasta-se de uma postura distante do analista para focar no acolhimento de agonias precoces. Somam-se a isso as contribuições de Winnicott sobre o ambiente facilitador e o cuidado materno prototípico, enfatizando que as falhas nesse suporte primário geram o esvaziamento psíquico e a formação de um falso self, uma estrutura defensiva de adaptação excessiva e submissão que encobre a verdadeira essência do sujeito. Esses autores apontam que a função do analista se aproxima dessa matriz primária, exigindo sustentação emocional e o acolhimento até mesmo da destrutividade para viabilizar o resgate da vitalidade do paciente.

Avançando na literatura contemporânea, Fátima Flórido Cesar e Thomas Ogden destacam a urgência de uma "análise viva" impulsionada pela "palavra viva", uma linguagem autêntica gerada no encontro intersubjetivo, que se opõe ao distanciamento de uma terapia puramente explicativa ou rotineira. Adicionalmente, teóricos como Luís Cláudio Figueiredo e Anne Alvarez apontam para a complexidade dessa função, que envolve o uso da dimensão erótica e sedutora para convidar o paciente de volta à vida. Cabe ressaltar que, na epistemologia psicanalítica, os termos "erótica" e "sedutora" distanciam-se radicalmente do senso comum. Eles referem-se à teoria sexual freudiana e aos cuidados na tenra infância, traduzindo-se como o investimento afetivo e a energia libidinal vital (Eros) que o provedor de cuidados utiliza para despertar o interesse do outro pelo mundo. Esses teóricos alertam, contudo, que o processo exige do profissional um manejo rigoroso e cuidadoso para

evitar regressões malignas, buscando o equilíbrio ótimo entre seduzir para a vida e respeitar a capacidade de elaboração psíquica.

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo principal compreender a função vitalizadora na clínica psicanalítica, tomando como eixo central as contribuições de teóricos que pensam o tratamento a partir do cuidado, da relação e da presença ativa. Busca-se articular os fundamentos dessa metapsicologia da vitalização com sua incidência direta na prática clínica, evidenciando como a construção do vínculo transferencial-contra transferencial, o campo inconsciente de trocas e projeções afetivas mútuas estabelecido entre a dupla analítica, e o uso autêntico da palavra podem atuar de maneira ética e transformadora na reativação do psiquismo de indivíduos desvitalizados.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma Revisão de Literatura de natureza qualitativa e exploratória. A pesquisa foi conduzida por meio de uma investigação bibliográfica e de uma discussão teórica abrangente, buscando articular conceitos-chave relacionados à função vitalizadora na clínica psicanalítica. Para tanto, o estudo baseou-se em obras clássicas e contemporâneas, demonstrando domínio sobre o tema e com o objetivo de avançar criticamente em relação aos conhecimentos já consolidados na área.

A seleção do corpus bibliográfico priorizou referências relevantes e atualizadas, tendo como material de base o livro "Chuva n'alma: A função vitalizadora do analista" (CESAR, FÁTIMA FLÓRIDO et al.,2023), além de artigos e fundamentos de autores imprescindíveis como Thomas Ogden, Anne Alvarez, Sándor Ferenczi, Donald Winnicott e Luís Cláudio Figueiredo partir da leitura analítica desse escopo, a metodologia centrou-se em sintetizar o estado da arte referente ao manejo clínico e às estratégias voltadas para pacientes submetidos a processos de passivação, retraimento ou "morte em vida".

Por fim, para além da síntese teórica, o trabalho propôs identificar perspectivas inovadoras para orientar a prática analítica, contrapondo abordagens puramente explicativas à necessidade metapsicológica do emprego da "palavra viva" e da sustentação de um ambiente facilitador. Para fundamentar essas reflexões teóricas e metodológicas, o estudo analisou as ilustrações e fragmentos de casos clínicos presentes na literatura consultada, como os casos Ahab, Lori e Tomás, o que permitiu articular diretamente os construtos teóricos da dimensão erótica e da elasticidade técnica com suas reais incidências e limites no setting analítico.

Resultados

Os resultados teóricos obtidos a partir da revisão de literatura demonstram que a função vitalizadora transcende a mera aplicação de uma técnica analítica ortodoxa, configurando-se como uma disposição ética e fundamental do analista. Para pacientes descritos como o "povo do nevoeiro" (CESAR 2019), sujeitos de psiquismo adoecido que por perderem a experiência da verdadeira essência da vida humana, estão imersos na passivação ou "morte em vida", identificou-se que a intervenção exige o emprego da "palavra viva", sustentada pelas proposições de Thomas Ogden. Esta linguagem autêntica e dotada de voz própria é essencial para mobilizar o psiquismo desvitalizado, contrapondo-se à "terapia rotineira" que apenas explica o sujeito em vez de compreendê-lo e afetá-lo.

Além disso, a análise da literatura aponta que as bases estruturais dessa vitalização residem no modelo do cuidado materno primário e na tradição ferencziana As contribuições de Winnicott e Anne Alvarez evidenciam que o analista deve atuar de forma a resgatar o ambiente facilitador, ou seja, caso o provedor de cuidados estabeleça uma relação, no ponto ótimo, com o bebê, suas necessidades físicas e emocionais serão supridas, de modo que a criança seja capaz de desenvolver-se de forma saudável, estimulando o analisando com afeto e sustentação para propiciar a emergência do verdadeiro self, isto é, uma personalidade real, viva e autêntica, capaz de expressar seus sentimentos e necessidades. Em paralelo, o legado de Sándor Ferenczi fornece os fundamentos da elasticidade técnica e do "tato", permitindo que o profissional ceda às tendências do paciente sem perder a direção do tratamento, adaptando-se de maneira vigorosa ou delicada às necessidades de cada encontro clínico.

Por fim, os construtos teóricos revelam que a vitalização opera intrinsecamente ligada a uma dimensão erótica e sedutora, conforme postulado nos estudos de Luís Cláudio Figueiredo. Essa matriz sedutora é necessária para convidar o paciente de volta à vida criativa e impulsionar suas capacidades de simbolização. Contudo, os resultados demarcam limites estritos para essa atuação: o manejo inadequado ou excessivo dessa excitação primária apresenta riscos patogênicos, podendo deflagrar regressões malignas e dependência infantil extrema para com o analista. O êxito do processo vitalizador baseia-se, portanto, na habilidade do profissional em encontrar um ponto ótimo entre a posição vitalizadora e a reservada.

Discussão

A discussão dos resultados evidencia que a adoção da função vitalizadora impõe um deslocamento significativo na técnica psicanalítica tradicional que consiste no uso da superfície espelhada de Freud, onde o paciente traz para a análise um conteúdo significativo que será “espelhado” pelo analista para que o analisando possa ouvir-se e dar sequência à associação livre que o levará à construção da elaboração. Conforme apontado por Cesar et al. (2023) e corroborado pelas reflexões de Ogden, a prática não pode se restringir à decodificação intelectual e asséptica dos sintomas. A exigência da "palavra viva" na clínica contemporânea responde diretamente às limitações de uma postura analítica passiva, indicando que a compreensão ontológica do sujeito requer uma linguagem afetada e autêntica.

No que tange ao manejo do paciente em estado de "morte em vida" ou apassivação (refere-se ao paciente que apresenta o Transtorno de depressão maior, DSM-5-TR, TDM é caracterizado principalmente pela presença de um episódio de humor deprimido e/ou perda de interesse ou prazer, acompanhado de outros sintomas que causam sofrimento ou prejuízo significativo), a literatura reforça o paralelo essencial entre a clínica vitalizadora e o cuidado materno primário. A articulação entre os pressupostos de Winnicott sobre o ambiente suficientemente bom e a postura ativa proposta por Anne Alvarez demonstra que o tratamento de pacientes gravemente retraídos exige mais do que continência neutra; exige um convite proativo e afetuoso à vida. Esse panorama é consonante com a teoria da "falha básica" de Balint, sugerindo que o analista deve disponibilizar seu próprio psiquismo e engajar-se de forma ativa para promover uma regressão terapêutica benigna, capaz de propiciar o desenvolvimento do verdadeiro self antes sufocado por interrupções e traumas na primeira infância.

A dinâmica dessa transição clínica e teórica, desde o estado de passivação até o resgate da centelha vital, pode ser observada na Figura 1. Conforme a ilustração sintetiza, o processo de vitalização exige que o analista contraponha o psiquismo empobrecido do paciente por meio de uma postura ativa, mobilizando conjuntamente o tato *ferencziano*, o ambiente facilitador e o uso autêntico da “palavra viva” para convocar o sujeito ao mundo.

Figura 1 – A Função Vitalizadora do Analista: Da Passivação ao Despertar para a Vida



FONTE: Gerado pelos Autores com o auxílio do Gemini, em 14 de agosto de 2026.

Contudo, o aspecto mais crítico suscitado pelos construtos teóricos diz respeito às complexas fronteiras éticas da dimensão erótica e sedutora inerente a essa função. A discussão levantada por Figueiredo (2019) a partir das definições de passivação de Green é fundamental para atestar que o resgate vitalizador depende intrinsecamente de uma mobilização libidinal e afetiva do paciente. Entretanto, como evidenciado nos resultados, essa necessária sedução analítica carrega o risco iminente de promover regressões patogênicas caso a assimetria da relação seja mal gerida pelo analista. A ocorrência de fantasias de exclusividade ou a dependência infantil extrema sinalizam uma falha nesse manejo.

Dessa forma, os autores analisados convergem para a ideia de que a clínica psicanalítica contemporânea exige uma articulação delicada entre o acolhimento do que é mortífero e o estímulo vital. A metáfora do "parafuso de veludo" criada por Manoel de Barros (2010, p. 176), é uma expressão poética para pensarmos a clínica e essa aproximação delicada sob medida da dupla analítica, onde o ferro transmite vigor e o veludo nos remete ao cuidado delicado tanto com as palavras quanto para os atos direcionados ao analisando. Logo, o equilíbrio entre a posição vitalizadora (que chama para o mundo) e a posição reservada (que garante a elaboração) consolida-se como a principal responsabilidade ética do analista na sustentação de uma análise viva.

Conclusão

A presente revisão de literatura permite concluir que a função vitalizadora na clínica psicanalítica não se reduz a um conjunto de técnicas pré-definidas, mas constitui-se como uma postura ética e afetiva do analista, postura esta que refere-se à noção Winnicottiana da mãe suficientemente boa e

dialoga com a capacidade de Rêverie materno proposta por Bion, no qual a mãe recebe a projeção da aflição de seu bebe angustiado e é capaz de contê-la e devolver de forma positiva através de seus cuidados. Bion (1965), chamou de transformação o processo de modificação ocorrido tanto na mãe, como no analista, resultante do impacto da contenção inicial. Alvarez (1994, p.65) afirma que as noções de continência e transformação estão mais ligadas com o que acontece com a dupla analítica, do que a "imagem bastante estática do espelho neutro de Freud, os espelhos não são modificados por aquilo que refletem e terapeutas sim". O estudo evidenciou que, diante de pacientes imersos em processos de passivação e esvaziamento psíquico, a mera decodificação intelectual dos sintomas é insuficiente. Torna-se imperativo o uso da "palavra viva" e a construção de um vínculo transferencial autêntico, nos quais o profissional disponibiliza sua própria presença para convocar o sujeito de volta à vida.

Conclui-se, ademais, que o exercício dessa função exige um manejo rigoroso de suas fronteiras. A dimensão erótica e sedutora, embora essencial para impulsionar a vitalidade e a capacidade de simbolização, carrega o risco de dependência e captura patogênica se não for dosada adequadamente. Portanto, a grande responsabilidade do analista reside na capacidade de sustentar a tensão paradoxal de aproximar-se sem invadir, sustentar sem ocupar o lugar do outro e vitalizar sem aprisionar.

Por fim, o estudo reforça que o ambiente analítico deve atuar como um espaço facilitador, onde as falhas básicas e o que não pôde ser vivido encontrem uma nova possibilidade de inscrição. A vitalização reafirma a análise como um encontro vivo e transformador, capaz de resgatar as formas mais frágeis de existência e abrir caminhos para um novo devir psíquico.

Referências

CESAR, Fátima Flórido. Vitalização como parte da Função Analítica. In: GOMES, Sergio; RIBEIRO, Rosa Lúcia Paiva (orgs.). **Nebulosa Marginal: teoria e clínica**. p. 287-300. (Coleção Berggasse 19)

CESAR, Fátima Flórido; RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. A função vitalizadora do analista e a palavra viva na sala de análise: reflexões a partir de Thomas Ogden. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 18-26, jan./abr. 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142022001003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/vZSm8qDbDjJwFGdVPVTs4Qf/?lang=pt. Acesso em: 20 mar. 2024.

CESAR, Fátima Flórido; RIBEIRO, Marina F. R.; FIGUEIREDO, Luís Claudio. Chuva n'alma: A função vitalizadora do analista. São Paulo: **Editora Edgard Blücher Ltda - Série Psicanálise Contemporânea**, 2023.

FIGUEIREDO, L. C. Figuras da sedução em análise: a vitalização necessária. **Percurso**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 63, p. 51–60, 2019. Disponível em: https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/124. Acesso em: 23 mar. 2026.

NASIO, Juan-David. **O prazer de Ler Freud**. Tradução: Lucy Magalhães; revisão técnica: Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.